

REVISTA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA, CRITICA E INSTRUCTIVA

CHEFE DA REDACÇÃO: AURELIO DE BITTENCOURT

COLLABORAÇÃO DE DIVERSOS

Anno I

ASSIGNATURA

PARA A CAPITAL: Trimestre 2\$500—PARA FÓRA DA CAPITAL: Anno 10\$000

Num. 7

ALEXANDRE II

CZAR DA RUSSIA



Deixou de existir o imperador moscovita.

O maior attentado dos tempos modernos aca-
do consummar-se!

Mais uma vez a liberdade serve de pretexto
para a execução dos tenebrosos designios da am-
ção; mais uma vez rola para a campa o cadaver
de um monarcha impellido pela mão fanatica do
assassinio politico!

Ha factos na vida das nações que assombrão o
mundo inteiro.

Este é um.

E' delles que muitas vezes se depreheende a
energia e musculatura de cada povo, ou se
obscurecem os seus maos instinctos, baixaza e in-
capacidade moral.

* * *

Quereraõ ser livres os russos?

O povo russo é antigo, está desde o principio
deitado á mais abjecta servilidade, acostumou-se a
ella e ella faz parte do seu modo de viver, não
almeça e nem almeja a liberdade.

Parco de instrucção, vivendo em uma tempe-
tura em que o trabalho é um sacrificio penoso,
administrado primeiro pela descentralisação bar-
resca de um feudalismo ignorante e depois pela
centralisação autocrata, achava-se elle no meio
sua humilhação, assistindo indifferente ás in-
gas, assassinatos e tumultuar das côrtes, asse-
lhando-se assim áquelle viajante que, parado
entre os selvagens, seguia com crescente inte-

resse as alternativas de um jogo original, igno-
rando ser elle o premio cobiçado, até que com o
reinado de Alexandre II começou um periodo de
liberdade relativa.

Sem duvida o clima é em grande parte causa
do atraso em que se acha, pois o excessivo frio
como o excessivo calor, contrahindo ou dilatando
os membros, produz a par do entorpecimento
phisico o entorpecimento moral; mas o verdadeiro
motivo de seu pouco adiantamento é a falta de
instrucção nas classes inferiores da sociedade.

* * *

O que querem os nihilistas?

Nihil — nada...

E nada querendo, perseguem, ferem, matão!
Não é ao clarão avermelhado dos incendios,
nem nas sombras compactas dos conciliabulos que
as idéas crescem e se desenvolvem

Quando o pensamento que germinou a mente
de um individuo não encontra adeptos na maio-
ria, está por si condemnado, não deve, não pode
ser imposto.

Têm maioria os nihilistas?

Se têm, outro devera ser o caminho seguido.

A maioria faz suppor a força, e então, á luz
transparente do sol, nas praças publicas, as lutas,
os combates, enobrecem e elevão a idéa que sai
vencedora, e a Liberdade que se levanta não traz
as candidas vestes manchadas do sangue que en-
xarca a terra e é a justificação da mortandade que
se fez necessaria.

Se não têm, como querer supplantal-a?

Não se pode impor a liberdade a um povo que
quer ser escravo porque isto seria coagir-lhe a
propria liberdade.

E os nihilistas, nem querem liberdade, nem lutão por uma idéa sã ou justificavel; são apenas mero instrumento de um partido de côrte.

Este, o partido liberal, é o verdadeiro responsável dos attentados contra o czar.

O nihilismo agora desapparecerá porque não é mais necessario e não tem razão de ser...

Infeliz a idéa que para realisar-se devasta cidades com o fogo e aniquila os homens com a morte!

* * *

Alexandre II Nicolaiéwitch nasceu em Abril de 1818.

Sucedeu a seu pai, Nicolao Pawlowitch, a 2 de Março de 1855.

Era de estatura elevada, e o seu porte não destituido de elegancia.

Não era bonito, mas a sua phisionomia inspirava sympathia.

O seu olhar altivo e penetrante revelava a energia de que era dotado.

A bondade abrigava-se em seu coração; mas, justiceiro, assim como premiava os serviços, castigava severamente o crime.

Era valente: quando em Pariz, n'uma revista que Napoleão passara ás tropas em honra sua, a bala de um polaco patriota sibilou-lhe ao ouvido, apenas voltou-se para indagar se seu filho estava ferido: possuia em extremo o amor paternal.

Rispido em disciplina, as suas ordens devião cumprir-se com toda a exactidão.

Em campanha quando os tambores e clarins tocando a alvorada chamavão os soldados a postos, elle era o primeiro a saltar da maca.

Ao subir ao throno comprehendeu que ser o rei de um povo escravo não era gloria, e tratou de elevar o nivel do seu.

Libertou os servos; creou escolas e instituiu premios; animou e espalhou a instrucção por todas as classes.

As finanças erão más, cuidou de extinguir os impostos vexatorios e crear novas rendas.

Abriu canaes, construiu estradas de ferro.

E quando veio a guerra de 1878, os cofres estavam repletos, não contrahio empréstimos.

Aproveitou-se do conflicto franco-prussiano de 1870 e os vestigios da guerra da Criméa desapparecerão: Sebastopol foi reedificada e fortificada.

Augmentou o seu imperio com territorios e diversos povos.

E talvez sonhasse em cumprir o testamento de Pedro o Grande!

Tinha, porém, o defeito do absolutismo: queria dar tudo, mas não consentia que se lhe exigisse cousa alguma.

Estava disposto a conceder uma constituição ao seu paiz, havia mesmo escolhido os legisladores, mas um attentado contra a sua vida fez com que não admittisse lhe fallassem mais nisso.

Era adorado no exercito e a parte sensata do povo respeitava-o.

No entanto, depois de tanto trabalhar pelo engrandecimento do seu imperio, pela felicidade do povo, a ambição disfarçada dos partidarios do czarewitch fez resvalar no tumulo o rei que cuidava no bem commum.

* * *

Encarregão-se muitas vezes os povos revoltados, a ambição desmedida, os exageros de justiça de augmentar o brilho da gloria, de dar nome ás suas victimas

Sem a guilhotina da revolução franceza Lu XVI e Maria Antonieta passarião desapercibidos sem o fuzilamento de Queretaro Maximiliano seria apenas uma mancha negra na historia do Mexico, e sem os ultimos successos que agitarão a vida de Alexandre II o seu nome desappareceria em breve da lembrança dos povos.

Mas a ambição não quiz, e o seu vulto ja a parece no Pantheon da Historia com a palma da gloria e a deslumbrante aureola de martyr.

Os ultimos annos de sua existencia forão lutar sem treguas: de um lado as dissensões de suas duas familias, a legitima e a bastarda; de outro as ambições do partido de que o czarewitch era chefe e os attentados dos nihilistas.

Lutou, lutou... e cahio! mas como cahem heroes, sereno e caridoso no meio do perigo!

Era como que o ultimo rochedo que as ondas da revolução não tinham podido asoberbar; vagas encapeladas accommettião-o de continuo mas esphacelavão-se de encontro ao granito e seu corpo e ao recuarem parecia que seu vulto destacava-se ainda maior por entre as nevoas septentrionaes!

A mão humana dir-se-hia impotente para de rocar a immensa mole, empregou-se a dynamite

a polvora, e o colosso tombou!... não para a valla
 common dos reis inuteis, não para o esquife
 negro dos despotas execrados, envolto na mortalha
 do esquecimento, mas com a fronte irradiada
 pelas reverberações da gloria, nos braços incon-
 cussos da Immortalidade!

Porto Alegre — 1881.

NO MAR

*Et accesserunt ad eum discipuli ejus, et
 suscitaverunt eum, dicentes: Domine salva
 nos perimus.*

EVANG. sec. Math. cap. 8, v. 25.

— Dormia calmo na barca que frisava
 as aguas do oceano azul, todo bonança.
 — Meu sonho seductor a mente lhe embalava!
 — Nos labios que sorriso ingenuo de creança!

— Desavão os discip'los tranquillos, silenciosos,
 qual circulo de creança em torno de Jesus;
 — ali dormia o Justo — o Juiz dos criminosos
 o Martyr da tragedia titanica da cruz.

— Porém o mar sereno as ondas encapella;
 — a brisa que soprava é furacão enorme;
 — enquanto o odio assim nas ondas se revela,
 — o filho de Maria, sorrindo, calmo dorme.

— Senhor! diz um discip'lo, nós vamos perecer!
 — salva-te e nos salva, ó grande coração!
 — Homens de pouca fé, diz Christo, deveis crer.
 — Por que temeis a morte, o mar e o furacão?...

— E nisto o mar se cala ao mando do Senhor
 — e o vento não mais brame e o sol resplende além!
 — O' salva! bradão todos: Bondoso Redemptor!
 — O' espirito divino! O' Synthese do Bem!...

TIMOTHEO DE FARIA.

Porto Alegre — 1881.

EPISODIO

—o—

Sinhá morria d'amores
 Pelo visinho fronteiro:
 Um rapaz limpo e bonito,
 Alto, franzino e faceiro.

Fôra fazer-se philosopho
 La n'uma escola de Roma:
 Accommettia a sciencia
 Como quem reductos toma.

Mas em vão annunciava
 O seu saber de diploma:
 Vivia de perna ao ar
 O doutor da santa Roma.

Foi-se acabando o dinheiro
 Que deixara um velho tio.
 Afinal nem p'ra cigarros
 Ja tinha o pobre vadio.

Então Sinhá, que tem pena
 Do seu amado doutor,
 Faz lhe cigarros sem conta
 Dá-lhe jantar de sabor.

A rua não era larga,
 O sabio espera um olhar;
 Vê certa mão que se agita,
 Rola um volume no ar.

Desvia o corpo ligeiro
 E deixa o maço passar:
 Proude assim por muito tempo
 Bellos cigarros fumar.

O jantar — esse não ia
 Pelo ar, arremessado:
 A criadinha levava-o
 N'uma bandeija arrumado.

A criadinha é rosada,
 Gordá, airoza; é um primor.
 Aos seus encantos não fecha
 Os olhos o seu doutor.

Nem as mãos ficão inertes,
 Nem os labios em torpor..
 O coração lhe palpita
 Ao fogo de extremo amor.

.....

 Sinhá, que peça pregou-te
 O teu querido doutor!

A. C.

Porto Alegre — 1881.

AS RIMAS

(Opinião ao Sr. L... P....)

Detesto a rima em parellhas,
Lhes acho monotonia;
Em vindo distanciadas
Tem muito mais melodia.

Quanto mais, que as consoantes
Não passão de um atavio
Escondendo o desconchavo
Às vezes de um desvario!

São exigencias de luxo
Que podem ser prescindidas:
Tornão-se ás vezes massantes
E mesmo desenchabidas.

Tambem odeio as regrinhas
De que o leitor nem faz caso,
Especie de lamparinas
Nas bordas do Chimboraso!

O pensamento é a mole
Que tudo deita por terra;
O mais, são rendas de crivo,
Às modas fazendo guerra!

Porém respeito o gigante
Que salta faceis barreiras,
Indo mirar os espaços
Do cimo das cordilheiras!

Babados, rendas, estufos,
Não ficão sem serventia;
Porque nas casas sem trastes
E' prudente a gelosia...

Mas de um peito cheio e forte
A voz que sai retumbante
Abafa o som entoado
Na *espivitada* consoante.

Ha *typos* que só se apurão
Em trabalhar de malhete,
Mas no compasso dão saltos
Como explosão de foguete.

Quem tem ouvidos de ferro,
Fique, pois desenganado
A rima não lhe melhora
Um verso todo aleijado!!...

SILVA DE ALBUQUERQUE.

Porto Alegre — 1881.

HISTORIA DE UM ALFINETE

Boa leitora, desculpe-me o ter de usar
chapa muito conhecida dos romancistas.

Esta historia, porém, não foi escripta por
pessoa nenhuma, mas sim pelo mesmo alfinete
achou-a um amigo meu, entre uns papeis velhos
quando os destinava ao fogo.

O titulo despertou-lhe a curiosidade; devo
meu amigo a bondade da offerta; e o leitor fica
me-ha devendo o obsequio da transcripção.

Quer-me parecer que deveria antes intitular
biographia as linhas que se vão seguir; não quero,
porém, transformar o original, traslado
fielmente.

I

Não posso garantir quaes os meus pais, porque,
desde a minha infancia, comecei a peregrinar
nação a que são destinados os meus semelhantes.

Nasci em Bermingham; sou por consequencia
um legitimo inglez.

No fim do curto praso de dois mezes, que
durou o meu somno na prateleira da fabrica, sou
gui para a Criméa, fazendo parte do exercito
inglez que marchava para o Oriente e destinava-se
se á tomada de Sebastopol.

Durante a viagem é que vim a saber de onde
era natural.

Occupava orgulhosamente o meu lugar entre
249 irmãos que compunhão commigo uma caravana
de alfinetes.

Ja d'ali começava a meditar nas condições
possiveis da minha existencia.

A travessia foi longa, e comtudo não enjoou-me
é verdade que no meu beliche e no fundo de um
enorme bahú estava a salvo de todos os resfriamentos
do mar e dos perfumes dos machinistas.

O meu beliche, bem como os dos meus irmãos,
mãos compunha-se de um pequeno orificio, onde

repousava o meu pé, que a civilisação teima em apertillar ponta; um outro, que abraçava toda a circumferencia do meu abdomen, e um terceiro e ultimo, que servia de travesseiro á cabeça.

Destinado ao theatro das operações bellicas anglo-francezas, era de prever que não tardaria te participar das glorias militares, atravessando as orelhas de um Cossaco, ou atando as ligaduras de um ferido do exercito alliado.

Enganei-me.

Devido á compaixão do enfermeiro, passei do bahú inglez para uma pequena mala franceza.

Ja não me sentia em terras da patria.

O que estranhei, porém, foi encontrar no meu novo palacio um completo exercito de irmãos em muito maior numero do que no bahú inglez.

Dir-se-hia o exercito grego na barriga do cavallo na celebre guerra de Troya.

Comecei então a observar que, exceptuados vinte e cinco amigos e patricios, o resto era gente que papagueava perfeitamente a linguagem parisiense.

O silencio e a resignação erão o meu estado habitual.

Sentia saudades daquellas sujas caras que vi na infancia, na fabrica, e doia-me o coração (porque o temos) de não ter tomado parte em acção nenhuma do nosso exercito vencedor.

Desesperei da traição do enfermeiro, e quando tencionava descrever em um abaixo-assignado a nossa situação, que muito justificadamente poderiam taxar de deserção, pois, dado o balanço economico, seria evidente a nossa falta, vi-me forçado a calar as vozes do orgulho patrio.

Tres mezes passei em trevas, no fim dos quaes estava no coração de Pariz, na janella de uma costureira, á luz do sol radiante, vendo passar pela frente rostos de uma frescura juvenil admiravel, de um rosado avelludado do pecego, dentes ora naturaes e lindos, ora artificiaes e fingindo a madreperola.

No meio deste *brohaha*, era eu o unico que não entendia a lingua franceza.

Passarão-se tempos

Um bello dia eis que pára defronte de mim um avantajado senhor, que manejava no annular esquerdo enorme brilhante nascido na cidade dos Lençoes, na provincia da Bahia.

Era um brasileiro.

Comecei a reflectir, e achei impossivel que o dito senhor quizesse possuir-me.

Erão diminutas as minhas forças para lhe segurar a fivela, o collarinho ou a gravata.

Foi preciso resignar-me, estava comprado.

Autes, porém, de parar nas mãos de um americano ou de um antropophago, como se dizia naquelle tempo, e quando vinha a mãosinha *coquette* da minha gentil possuidora tirar-me do lugar, fiz um pequeno esforço para alcançal-a e beijal-a.

Levantei a cabeça; estava ja prestes a roçar pelo avelludado da epiderme, e eis que a posição inconveniente da mão fez com que, em vez da cabeça, fosse o meu pé quem lhe tocasse.

Era a primeira posição de um exercicio que mais tarde aprendi no Imperio Americano.

Uma gota de sangue ficou-me suspensa no pé.

— *Que le diable t'emporte!* disse a moça, atirando-me para cima do millionario.

Este apanhou-me, atirou-me ao chão, pisou-me, acompanhando os gestos com um *arre! maroto!* e com uns olhares gulosos, lançados para as mãos da minha feiticeira senhora.

D'ahi a dois minutos estava mais senhor da situação, admirando o millionario a beijar a lagrima de sangue na mão da parisiense.

Mas... estava decretado que eu era o padrão de gloria do brasileiro; passei a occupar a parte posterior da gola do casaco.

De passagem, observei que o anel ja não estava no dedo nacional brasileiro.

Áo longe havia uma scintillação, especie de santelmo sahindo da mão da costureira.

II

E' forçoso confessar — o brasileiro castigou-me barbaramente; porém d'ahi por diante fui o mais feliz dos viventes

A cada passo o meu possuidor encontrava um amigo, virava a gola do paletó e mostrava-me com ufania.

— Vês isto? não imaginas que historias e que romances escrevi eu com a ponta deste alfinete! Este é o symbolo de um amor platónico. Queres saber? este alfinete representa o valor de um brilhante de dois contos ou cinco mil francos.

Uma cousa não comprehendia eu — é que fim terião levado os meus companheiros.

Ia a todas as festas, viajei de primeira classe e fiz a travessia do Atlantico, sempre como um objecto de admiração.

Tanto quanto me foi possível observar pela casa do paletó, confirmo a opinião dos viajantes, que elogião o panorama da bahia do Guanabara. Esforcei-me mesmo tanto para observar de perto a base do Pão de Assucar, que cahi da minha prisão no chapéo de um catraeiro.

Imagino o estado pezaroso do millionario que me perdeu!

Tão depressa nas mãos do catraeiro, o primeiro desgosto que tive foi ver a condição a que tinha descido.

Começou o soffrimento por servir eu de instrumento extractor dos parasitaninhados nos pés do catraeiro.

Felizmente, lavado e limpo, occupei lugar honroso no chapéo do heroe.

No dia seguinte um estudante que desembarcava precisou de um alfinete.

La fui eu para as mãos de um vadio.

Tive então uma existencia trabalhosa.

Pela manhã, enquanto o estudante papagueava a demonstração de um theorema, manejava-me com incrível insistencia, introduzia-me pelo ouvido, e horas levava a desentulhar aquelle cano da memoria.

Ao meio dia ajudava-o a fazer cigarros e a socar o fumo; e assim aromatisado reoccupava a minha antiga posição — na parte posterior da gola do paletó — a semelhança da do millionario, com a differença unica de que a minha actual situação era simplesmente burguezia.

Depois do jantar visitava todos os dentes do meu estudante com certo interesse e carinho, e á noite, quando pensava descançar, la ia servir de botão á ceroula, que durante o dia andara amparada pela calça.

D'onde tirei esta conclusão que alfinete em mãos de estudantes é o primeiro supplente dos botões, o juiz de paz de todas as *casas*, vassoura indispensavel, e por ultimo obreia para segurar as paginas da sabbatina escripta.

Até então ainda não tinha soffrido physicamente.

O estudante descuidou-se.

Mudou de paletó; um collega subtrahio-me.

Desde logo comecei a ser objecto de ciumes.

Cada qual chamava por mim.

De manhã pertencia ao Brito, ao meio-dia ao Quincas da Polytechnica, e á noite acontecia que me deitava com este e amanhecia no collarinho do Chico da medicina.

Pregado por este ás pressas cahi.

Fui achado pela filhinha da dona da casa.

O meu primeiro prestimo foi servir de aguião.

Collocado na ponta de uma vara, espicaçava gatos e cães da visinhança.

Depois vergavão-me, e la ia servir de anzo para peixes imaginarios, ou se os havia que comião a isca sem ficarem presos.

Tornei ás mãos do estudante, empregado porém, desta vez em melhor fim.

Retomando a minha antiga forma rectilinea, servi para fazer parte de um mimo enviado á beldade fronteira.

O meu papel, dizia o rapaz, na carta, era importante, servia para provar que assim como um alfinete unindo as duas extremidades de uma fita conserva a disposição do ramo, assim o matrimonio, unindo duas creaturas que se amão, perpetua a familia.

De modo que o meu papel era importante, representava o matrimonio por comparação, ou antes por hypothese.

III

Foi a primeira vez que me vi mais ao ar livre, mais atulhado de idéas republicanas.

Acabava de sahir de uma *republica*, entrava no quarto da virgindade.

Apenas cheguei ás mãos perfumadas da menina Amelia, comecei a olhar desconfiado para o ambiente em que estava, para os olhos azues da moça e para o collo alvissimo em que acabava de ser, com o ramo, collocado.

Doudejei por alguns instantes pelo reino da poesia, descobri thesouros inexplicaveis e indisiveis mesmo, na minha qualidade actual de confidente.

Vivi longos mezes neste pequeno ninho de amores.

A' noite dormia espetado no travesseiro; de dia prendia as extremidades de um laço ao collo da minha Amelia.

Quer-me parecer que o estudante teve ciumes da minha ventura.

Um dia lembrou-se da minha extradição.

O tratante sentia a falta de algum botão, e queria por força reintegrar-me nas minhas antigas funcções.

Enganava-se.

A minha possuidora que era um tanto supersticiosa, respondeu laconicamente :

— Não lhe envio o alfinete, porque dizem que dar alfinetes é picar as amizades.

Os meus collegas invejavão-me continuamente.

Quando ia a um theatro e uma scena commovente enternecia a minha noiva, a ponto de humilde-lhe os olhos, levantava-me com geito, na ponta do pé, e dizia-lhe ao ouvido: socega, não choras, tolin' a.

Quando ella ria, eu dansava-lhe no collo; e ás vezes feria-a até; era o delirio que se apossava de nós!

Estava ja tão senhor de meu posto, que, quando descobria na platéa a cara sorumbatica do estudante, dava uma alfinetada para ella levar a mão ao sitio offendido, o que visto pelo rapaz, com certeza o enciumava.

Em uma poesia que a ella enviou, dizia que o seu maior *anhelo* (termo de poeta enamorado) era ser o alfinete que lhe tinha enviado.

Não me admirei, antes achei que o rapaz tinha excellente gosto; o que ainda duvido é que elle quizesse ser o alfinete, que fui, nas funções de supplente de botão ou de pa para a extracção dos parasitas do pé do catraeiro.

Assisti ás representações no Lyrico; ouvi a opinião dos sabios contrapontistas, que nessa epoca pullulavão, e ouvi muita declaração de amor nos bailes.

Nesse tempo ja fallava o portuguez.

Notei que um official de gabinete, rapaz bonito, embora tolo, mostrava muito a farda aos olhos da minha Amelia, que por sua vez, fixava muito os olhos nos dourados da farda do secretario.

Quando chegou á casa, lançou um olhar de lamparina sem azeite para as janellas do quarto do estudante, e como não lhe chegasse o somno, sentou-se á mesa, agarrou em mim e escreveu, ou antes calcou sobre o verniz da mesa esta espantosa quadra:

Ha ja tres dias
Que te não vejo;
Se me não amas diz com franqueza,
E' o que desejo.

Cahi das nuvens.

Só uma enorme indigestão de poesia podia abortar semelhante monstruosidade poetica; fôra esse todo o lucro da conversa que tivera a menina Amelia com o official de gabinete.

No dia seguinte fui içado para a cupola de um penteado monstro.

Um pouco exposto ao tempo, é verdade, porém em posição de mais franca observação; e disto a minha dona deu fé.

No dia immediato fui atar um laço nas regiões lombares, e, pouco a pouco descendo de cima para baixo, cheguei á triste realidade de supplente de botão de botina de moça!

Que pesadelo! e que decadencia!

Nunca mais tive noticias de meu estudante, nem sei se ainda invejava a minha baixa posição. Progressos fazia o official de gabinete.

Chovião as cartas e as flores.

Passei de supplente de botão a supplente de colchete, substitui decentemente e em posição curvada, em uma noite, a argola de um brinco; e por este serviço, voltando á minha posição vertical, reintegrou-me no meu antigo lugar junto ao fichu.

Notei de passagem que, á medida que os desejos da mulher se realisão, tudo para ella tem uma alta maior do que a maior nas casas bancarias.

Dia e noite ria-se a gentil mocinha.

Mas... *les be'les dents perdent les beaux yeux*; e em pouco tempo ficou ella com a realidade, isto é, sem o official e sem o estudante.

A perda do primeiro destes coincidio com a dadiva de um ramo, de que eu fazia parte.

O official retirava-se e levava um despojo — um ramo, um laço de fita e um alfinete britânico.

Passei das mãos do official, em companhia do ramo, para as mãos da filha do ministro.

Não era feia, mas era inferior á Amelia; um pouco diplomata e sabedora da arte de ser amada.

Tocava sonatas de Chopin, ás quaes chamava *Scherzo*.

Não me demorei nas mãos desta boneca.

No dia seguinte precisando o pai de um alfinete para segurar a pluma do chapéo armado, transportarão-me para o navio, que os ministros trazem na cabeça, de quilha para o ar.

Li muitos artigos de fundo, que de algum modo me offendião, uma vez que me achava elevado ao honroso cargo de ministro de estado.

Assisti por vezes ao conselho da coroa, e nada comprehendí; havia palavras de subido quilate para minha comprehensão.

De tudo quanto vi e ouvi só pude concluir que reinava confusão nos espiritos, que os poderes pessoaes erão sete, e o poder espiritual um só.

IV

Como se vê, graças á minha boa estrella, cheguei a uma das mais elevadas posições a que pode chegar um homem, quanto mais eu, que nasci humilissimo!

Um bello dia a esposa do ministro quer enviar um ramo das mais escolhidas flores á Imperatriz.

Derão caça aos alfinetes; fui uma das victimas.

Fizerão-me um vestidinho todo de seda amarella e verde, puzerão-me um chapéosinho todo de laços; transformarão-me, finalmente, e passei a um novo sexo, somente para fazer parte do *bouquet sui generis*.

Na verdade, estava garrido em comparação daquelles tempos em que vivia a servir de palito e de botão.

Cheguei ao throno, observei que muito cidadão la vai ao paço em vespuras de nomeação, ou em vias de aspiração a qualquer emprego, e, mais do que tudo notei a verdade da seguinte phrase de Victor Hugo:

— Toute bouche de savant qui complimente un autre savant est un vase de fiel emmiellé.

A minha posição era realmente uma honra, mas ja a vida era penosa para quem leva, mettido em laços, todo o dia e toda a noite.

Demais, nem sequer uma cara bonita.

Alli tudo é de aspecto quinquagenario.

Flores nas jarras, no rosto a pallidez de um semanario ou a robustez de um ministro ou visitante — e nada mais alli se vê.

Em companhia do *bouquet*, de que fazia parte, enviarão-me a uma viscondessa.

Fois bem, ha dois dias que esta senhora está quasi a entregar a alma a Deus; e pelo que observei, quer-me parecer que me querem (com o ramo) enterrar vivo com as minhas vestes de anjo.

Aproveito a exiguidade do tempo para escrever a minha historia.

Cheguei ás mais altas posições, e acabo de ser victima da vaidade.

Morreu a viscondessa.

Ja me chamarão para entrar para o caixão.

De tudo isto o meu semelhante pode concluir, bem como o genero humano, que nada ha mais horrivel do que a morte em vida, moralmente fallando.

* * *

Terminava aqui a historia.

Escrepta por algum espirito talvez, é bem possivel que o titulo não seja mais do que um disfarce.

ALFREDO BASTOS.

MORTA

— 0 —

Contava desoito annos
Essa creança gentil!...
Era uma rosa de Maio,
Era um rebento d'Abril...
Aquella meiga criança
Era uma doce esperanza!

Amara como na vida
Só pode amar-se uma vez:
Pobresinha! foi trahida!
Calcarão-lhe o amor aos pés!
E ella chorou tanto e tanto
Que vio seccar-se-lhe o pranto.

Depois descansada, pallida,
Co'as tranças soltas ao vento
Cerrava os olhos morticos
Sem desprender um lamento.
Aquella pallida rosa
Inda era assim mais formosa.

A' dor moral que a matava
Veio juntar-se a dor physica;
Minava aquella existencia
O negro verme da phtysica...
E as rosas ião-se abrindo
Quando ella expirou sorrindo.

A. CORRÊA.

EXPEDIENTE

— 3 —

Recebemos:

O *Conservador*, *Telephone*, *Labaro* e *Typographo*, da capital.

A *Descentralisação*, da Cruz-Alta.

A *Discussão* de Pelotas.

A *Gazeta de Campinas*.

O *Taquaryense*, de Taquary.

O *Cachoeirano*, do Cachoeiro do Itapemerim.